



**Daniel Nieto Orriols (2021) *Salustio y la identidad de Roma: Crisis política y cambio cultural en el fin de la República*. Córdoba: Editorial Brujas, 389p. ISBN: 978-987-760-366-8**

*Fábio Faversoni (Universidade Federal de Ouro Preto)*<sup>1</sup>

faversani@ufop.edu.br

O livro é resultado de uma tese de doutorado em história defendida na Universidad Católica de Valparaíso em 2018. A pesquisa foi orientada pelo Professor Raúl-Buono-Core Varas, que assina o prólogo da obra (p. 15-25). O autor trabalha na Universidad Andrés Bello, que o apoiou em sua pesquisa, inclusive patrocinando períodos de estudos na Itália e Espanha. Trata-se um livro que vem se somar a outros publicados recentemente, que também tratam da obra de Salústio sob diferentes pontos de vista. Assim, parece-nos muito bem-vinda essa produção gerada em nosso subcontinente, que se soma como mais uma voz nesse momento em que se volta a falar bastante desse importante historiador “romano”. “Romano” entre aspas pois um ponto central do livro de Daniel Nieto Orriols é justamente refletir sobre o que é ser romano e que sujeitos podem ser considerados como pertencentes a essa identidade em um mundo em forte expansão e transformação.

*Salustio y la identidad de Roma: Crisis política y cambio cultural en el fin de la República* examina as obras reconhecidas como sendo de autoria do historiador romano Salústio (*Bellum Catilinae*, *Bellum Iugurthinum* e *Historiae*) no contexto das crises políticas e culturais que marcaram o fim da República romana. Orriols analisa como Salústio aborda a construção e desconstrução da identidade romana através de seus escritos, centrando-se em eventos e figuras históricas chave como Catilina, Jugurta, Júlio César e Catão o Menor. O autor

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Brasil.

também constrói uma teoria da romanidade segundo Salústio, incluindo conceitos como *anima*, *virtus* e *mos maiorum*. Combinando as análises literária, histórica, filosófica e cultural, o autor oferece uma visão extensa e abrangente de uma possível ligação entre a construção e destruição da identidade romana e as crises vividas no final da República. O livro faz parte da coleção *Ordia Prima Studia*, publicada pela Editorial Brujas, em Córdoba, Argentina.

A obra segue de perto a estrutura de uma tese de doutorado, percebendo-se pouco esforço editorial no sentido de transformar o texto da tese em um formato mais apropriado para um livro. Isso tem a vantagem de trazer para o leitor um estudo bastante extenso e detalhado, mas que poderá algumas vezes parecer excessivo. Além do aspecto do formato, não houve uma atualização relevante da bibliografia. Há apenas quatro textos publicados após 2018 (ano de defesa da tese) no trabalho, sendo que dois deles são de lavra do próprio autor, outro uma tradução de texto publicado anteriormente e, por fim, um último que não guarda centralidade para a análise feita. Seria interessante incorporar à reflexão os trabalhos publicados mais recentemente, ou seja, após a defesa da tese. Como exemplo, podemos mencionar Jennifer Gerrish, cujo livro também é resultado de uma tese de doutorado, e J. Alison Rosenblitt.<sup>2</sup> Ainda tivemos Rodolfo Funari (de particular interesse para a parte final) com sete coleções de fontes relativas a Salústio feita por Gerard Duursma.<sup>3</sup> Dois dos três estudos de Funari são, na verdade, republicações, mas sua publicação em livro poderia ter facilitado sua localização e utilização por Orriols, sendo que ele não os considerou na tese. Por fim, ainda mais próximo à publicação – e bastante extenso, dificultando seu aproveitamento em uma atualização da tese –, temos Georgios Vassiliades.<sup>4</sup> Contudo, como disse no início, o livro surge em tempos importantes para a reavaliação de Salústio, bem como do tempo em que viveu e a respeito dos contextos sobre os quais escreveu. Assim, a obra de Orriols é bem-vinda e chega em momento bastante oportuno.

<sup>2</sup> Jennifer Gerrish (2019) *Sallust's Histories and Triumviral Historiography: Confronting the End of History*. London/New York: Routledge; J. Alison Rosenblitt (2019) *Rome after Sulla*. London/New York: Bloomsbury.

<sup>3</sup> Rodolfo Funari (2019) *Lectissimus pensator verborum: Tre studi su Sallustio. Testi e manuali per l'insegnamento universitario del latino*. Nuova serie, 145. Bologna: Pàtron.

<sup>4</sup> Georgios Vassiliades (2021) *La res publica et sa décadence: De Salluste à Tite-Live*. Bordeaux: Ausonius.

De forma muito pontual, destaco que um aspecto resultante do pouco trabalho editorial para fazer com que a tese tivesse um formato mais propriamente de livro, que atrapalha a leitura, é a extensão e o caráter das notas. São muitas notas, várias delas bastante longas, interrompendo a leitura a todo momento e, em muitos casos, elas estão completamente afastadas das características de uma nota. Os casos são abundantes, infelizmente, como nas páginas 114, 145, 159, 209 e 211, para nos limitarmos apenas às ocorrências muito claras de notas que não têm esse caráter em absoluto. Outro ponto em que o trabalho editorial desvaloriza a obra é o emprego equivocado do latim, como *metus hostis* por *metus hostilis* (p. 161), *exempla* por *exemplum* (p. 183 e 207), *homine novis* por *homo novus* (p. 233), *bellum iutum* por *bellum iustum* (p. 260) e *patres conscripti* por *patres conscripti* (p. 305). São equívocos acerca de concepções centrais para a análise empreendida e que lamentamos encontrar em uma obra muito bem escrita no geral.

O livro se organiza em uma parte introdutória, seguida de quatro seções, cada uma delas dividida em dois capítulos e, por fim, um breve espaço para as conclusões. Cada capítulo é dividido em seções com títulos, o que facilita bastante o acompanhamento dos argumentos e a localização de pontos de mais interesse por parte de algum leitor que queira se concentrar em apenas algum aspecto do conjunto. Ao final, além da bibliografia, encontramos apêndices com a tradução e textos latinos de cinco discursos apresentados por Salústio em suas obras e, finalmente, três indexes (com fontes, nomes e conceitos).

A longa “Introducción” traz uma apresentação inicial do debate sobre identidade e sobre romanidade, que são centrais para o estudo e que serão retomadas em vários momentos posteriores da obra em conexão com passagens específicas das obras analisadas ou contextos particulares. A ela se segue a primeira seção, “Salustio. El autor y su obra em la Tardorrepública”, que também tem um caráter introdutório, tratando do autor e de seus trabalhos, tanto aqueles reconhecidos como sendo de sua autoria, quanto os considerados espúrios, além de aspectos relativos aos gêneros literários e recursos narrativos e retóricos. Orriols dá uma ênfase particular às possíveis relações entre o pensamento de Salústio e as doutrinas filosóficas estoicas, pontos centrais para o argumento do autor de uma conexão entre a crise do final da República e o enfraquecimento da

adesão, por parte de setores da elite romana, a concepções éticas mais tradicionais. Nessa parte, o autor busca situar Salústio e sua obra em seu espaço e tempo, refletindo sobre diferentes e bastante debatidos aspectos concernentes ao escopo de análise que empreende nas seções seguintes.

A segunda seção, “De la ciudadanía a la crisis de la identidad en Salustio”, entra mais propriamente no tema e na análise das fontes. Um ponto central é a relação entre a cidadania romana e a identidade romana. Ao longo do livro, vão ser explorados vários pontos de desajuste entre ambas, particularmente quando não apenas simples cidadãos, mas importantes magistrados e generais se afastam do que se esperaria de um romano e quando não cidadãos ou cidadãos mais recentemente admitidos aderem muito fortemente aos ideais da romanidade. Essas aproximações e afastamentos como instrumento para compreender as avaliações feitas por Salústio é um ponto de destaque na obra. Nessa seção, trata-se da importante ruptura de caráter estrutural apontada por Salústio com o fim do *metus hostilis*. O estudo, contudo, centra-se mais em personagens e episódios particulares (Cartago, os Gracos, Catão o Velho, Sila, as mulheres) e não no universo estrutural e aparentemente irreversível da crise republicana. O autor se afasta da perspectiva mais usual de se tomar o ceticismo de Salústio quanto ao futuro como característica central das obras desse autor e, a partir de casos particulares, aponta exemplos nos quais haveria concretamente uma possibilidade de se retomar a identidade romana mais tradicional, mesmo em meio à crise geral. Contudo, o autor não é muito bem sucedido em fazer uma associação entre essa possibilidade de restauração com um grupo político ou social específico, ainda que faça indicações nesse sentido ao longo do trabalho, nos diversos capítulos. É um ponto que se esperava ver sistematizado na breve conclusão da obra, mas isso não ocorre.

Na terceira seção, “Salustio y la identidad: De la construcción y la destrucción del ser romano”, há uma continuidade da análise, considerando o papel dos indivíduos, especialmente tendo em vista seu afastamento ou aproximação com os ideais de romanidade e o efeito dessas trajetórias para uma maior desorganização da República, no caso de afastamento dos personagens desses ideais, e a sinalização de caminhos para sua estabilização com os casos de aproximação. A tendência predominante no conjunto destas trajetórias

específicas entrelaçadas na narrativa de Salústio é a “destruição colectiva del ser romano” (como afirma o título de uma subsecção na página 231). Um ponto explorado aqui em mais detalhe e que me parece de muito interesse é o das fronteiras da romanidade no caso dos itálicos. Espera-se que sejam menos ajustados à romanidade por sua absorção mais recente, contudo, em Salústio, esse marco temporal é superado com grande vantagem pela adoção de posturas elevadas por aqueles itálicos (p. 237-238) – como ele próprio, aliás. Um outro ponto interessante é o destaque dado nessa parte às possibilidades de uma maior ou menor aproximação ou maior ou menor afastamento com relação aos marcos ideais de romanidade, ou seja, o autor tem a oportunidade de destacar que a identidade romana não se trata apenas de algo binário, categórico (se segue ou não segue a identidade romana), como é predominante em alguns outros pontos da análise. Nessa seção, como na anterior, é feita a análise de alguns personagens e contextos específicos: Catilina e Jugurta, obviamente centrais para se pensar a hipótese de uma relação entre destruição individual da romanidade (ou do ser romano) e coletiva da República; Júlio César, Catão o Jovem, Metelo, Mário e os itálicos.

A quarta seção, “La teoría del ser romano en Salustio”, se divide em dois capítulos bastante distintos. No primeiro, segue o estudo de casos e contextos particulares (com ênfase em Aderbal em contraste com Jugurta e Boco), aprofundando a análise de uma possível romanidade que ultrapasse em muito os limites da cidade de Roma. Em uma perspectiva estoica, a romanidade e os padrões éticos que podem ser associados a ela alcançam, no limite, a humanidade como um todo, independente da região geográfica ou espaço social ocupado pelas pessoas. Essa percepção de que Salústio, através do uso de preceitos estoicos, trata da romanidade e humanidade como tendo fronteiras que podem gerar diferentes percepções do imperialismo romano é um ponto de destaque do trabalho. É uma chave importante de estudo e que me parece muito promissora se estendida a outros autores como Tito Lívio e Tácito, para exemplos óbvios que, contudo, escapam ao escopo do trabalho em análise. O segundo capítulo tem um caráter diferente, quase funcionando como conclusão no que se refere a uma definição do que caracterizaria a romanidade com base em elementos estáveis. Em três subseções, o autor busca sistematizar como *anima*, *virtus* e *mos*

*maiorum* funcionam como operadores em uma teoria do ser romano, defendendo que, em Salústio, tal teoria seria um aspecto central para sua reflexão sobre a destruição da República. Essa última subseção se aproxima muito de conteúdos já explorados na primeira seção do livro (com indicação explícita disso na página 24).

Por fim, há uma seção final, “Conclusiones”, em que se apresentam muito brevemente algumas conclusões derivadas da análise realizada no livro, resumindo alguns achados e sua relevância para compreender a identidade romana e sua relação com o fim da República no pensamento de Salústio. A meu entender, essa seção acaba sendo breve demais e não consolida a posição do autor com clareza frente a debates importantes que buscamos destacar nessa resenha.

Em todo esse percurso, há pontos muito fortes e interessantes na análise de Daniel Nieto Orriols, sendo que os que me parecem mais merecedores de destaque são aqueles que indicam as disputas em torno da romanidade, como, por exemplo, as fronteiras entre romanos, itálicos e estrangeiros no exercício de seus ideais como parte central da construção da narrativa salustiana ou a relação entre romanidade e o valor positivo ou negativo do imperialismo para a humanidade e para sua própria legitimidade e manutenção ao longo do tempo. Vale a pena ler os estudos trazidos pelo livro porque eles contribuem bastante para uma melhor compreensão do pensamento de Salústio em conexão com os debates atuais sobre identidade, romanidade, romanização, imperialismo, entre outros. Trata-se, portanto, de um estudo bastante abrangente e completo, que poderá ser de interesse tanto para o público em geral, que queira conhecer melhor quer sobre Salústio e suas obras quer sobre o período de crise da República, quanto para os especialistas que queiram aprofundar seus conhecimentos nessas discussões tão importantes e relevantes trazidas pelo livro.

No que se refere a esses debates atuais, contudo, um limite que se apresenta ao longo de todo o livro e que não se resolve com a conclusão é a pouca clareza em relação a uma tomada de posição nesses debates frente às tendências atuais de análise. Para citar um exemplo apenas, apontamos a visão do autor sobre a identidade romana. Em alguns momentos, ela é apresentada como algo prescritivo, um modelo claro a ser seguido, sendo o afastamento com relação a esse modelo fonte de crises – e, em nossa leitura, é essa a visão que predomina

na análise concreta da fonte. Em outros, sendo esta a forma como encerra o livro, o autor afirma que identidade “no fue única ni estática, sino diversa y versátil” (p. 311). Em outros pontos ainda, a identidade aparece como objeto de disputas, com agentes mais claramente identificados em torno da produção de sentidos acerca da identidade, como, por exemplo, itálicos e romanos; aristocratas pertencentes a famílias antigas e novas; ou mesmo estrangeiros, dominados pelos romanos, e os próprios romanos, especialmente no que se refere às relações entre identidade e imperialismo e a disputa dos sentidos neste último grupo. A conclusão seria um espaço excelente para um balanço sobre as diferentes possibilidades de análise das identidades romanas (que prefiro sempre no plural) e seu emprego para o estudo de Salústio. Quem sabe isso não venha com os futuros trabalhos do autor?

*Data de publicação: 07/02/2025*